HVMANITAS

[Recensão a] PINHO, Sebastião Tavares (de) - Decalogia Camonian

Autor(es): Urbano, Carlota Miranda

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27988>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_60_35

Accessed : 26-Apr-2023 09:21:18

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

HUMANITAS

Vol. LX

Nestas anotações de pormenor ou noutras, que a amplitude das temáticas afloradas poderá motivar, não está em causa a segurança e a riqueza de perspectivas do presente trabalho, em particular no domínio filosófico, como realça com eficiência o interessante estudo introdutório de M. Michaela Sassi, que explora uma das linhas fundamentais da análise (“Ordine dell’ anima e ordine della città fra la *Repubblica* e le *Leggi*”, pp. ix-xxiv). Mas, a par dessa matriz filosófica, é justo salientar uma vertente claramente estética e literária, que a visão global das *Bacantes* desde logo concretiza. No vínculo original que estabelece entre a tragédia euripidiana e as *Leis*, na empatia sensível com ambos os textos de referência, Panno devolve-nos a imagem de um Platão capaz ainda de surpreender, no final da carreira literária, quer pelo rigor e coerência dos pressupostos dramáticos, quer pela riqueza metafórica em que o elo entre humano e divino, cidade e *nomos*, vai sendo variamente perspectivado (cf. pp. 326-327, a propósito da metáfora da marioneta).

Uma referência, por último, à apresentação editorial (excelente) e à revisão cuidada do volume (apenas detectámos *Mades* por *Hades*, na p. 288): factores sem dúvida externos, mas não alheios ao “prazer do texto” que a leitura de *Dionisiaco e alterità* eminentemente convoca.

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO

PINHO, Sebastião Tavares (de), *Decalogia Camoniana*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2007, 205 pp. ISBN: 978-989-95097-3-3

O Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos deu ao prelo recentemente cinco volumes de uma colecção que designou “Colecção Estudos Camonianos” em que diferentes investigadores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de diferentes especialidades, apresentam os seus estudos em torno da obra do poeta português mais conhecido em todo o mundo. Aníbal Pinto de Castro, Sebastião Tavares de Pinho, Rita Marnoto, Maria Helena da Rocha Pereira e Carlos Ascenso André são os autores dos cinco volumes, nesta ordem em boa hora publicados.

Com um título sugestivo, Sebastião Tavares de Pinho reúne na sua *Decalogia Camoniana* uma colecção de dez ensaios, até agora dispersos por actas de congressos, miscelâneas e revistas científicas da especialidade.

Como classicista e especialista do Humanismo do Renascimento, o autor oferece-nos um excelente conjunto de ensaios em que persegue e identifica, não só a pervivência da cultura clássica como fonte da obra camoniana, quer, nas suas palavras, a sua “supervivência”, na medida em que Camões supera frequentemente os seus modelos estéticos e literários que recolhe da cultura clássica.

A colecção abre com um estudo sobre a já antiga polémica, hoje resolvida, em torno da responsabilidade de Jorge Coelho ou de André de Resende na

autoria da palavra *Lysiadae*, que viria a ser o feliz e sugestivo título da epopeia portuguesa. Com o estudo do poema *Consecratio* de Jorge Coelho, Sebastião Pinho contribui para esclarecer mais profundamente esta questão desmontando alguns argumentos que afastam definitivamente Jorge Coelho desta questão.

Segue-se um estudo que, pela análise dos critérios e métodos de censura utilizados, nos ajuda a compreender a surpreendente diferença entre a 1ª edição d'*Os Lusíadas* e a que se seguiu doze anos mais tarde, seriamente censurada pelo mesmo que aprovara a anterior: Frei Bartolomeu Ferreira.

O terceiro ensaio estuda o recurso estilístico do *simile* ilustrado por exemplos da épica grega e latina e oferece-nos um elenco de numerosos exemplos da epopeia camonianiana a revelar a riqueza do seu imaginário. Além disso, o autor faz a análise de alguns deles ficando claro o seu valor estético e literário bem como a mestria do poeta na sua construção.

Os ensaios quarto a sexto são dedicados ao estudo de questões estilísticas de pormenor n'*Os Lusíadas*, desde as fórmulas cronotópicas, ao uso de alguns latinismos semânticos e sintácticos, aparentemente desconcertantes para quem ignore as fontes clássicas de Camões.

O sétimo ensaio coteja a estrutura narrativa d'*Os Lusíadas* com a do modelo literário de Camões, a *Eneida* de Virgílio, para concluir da capacidade do poeta português na recepção e *imitatio* dos modelos com notável liberdade criativa, inclusive na própria *dispositio* em que o poeta os integrou na narrativa.

Um curioso e interessante ensaio ocupa o oitavo lugar. Sebastião Pinho oferece-nos, além de duas representações cartográficas quinhentistas da Europa, dez exemplos da representação cartográfica ginecomórfica, mais conhecida por *Europa – Virgo*. A análise cuidadosa e documentada do texto camoniano que descreve a Europa n'*Os Lusíadas* conduz o autor à conclusão de que Camões, ao fazer a descrição antropográfica da Europa, “tinha presente uma imagem física: o desenho cartográfico de alguma destas figurações ginecomórficas, ou de outras semelhantes.” (p. 170).

Os dois últimos ensaios afastam-se da épica camonianiana para atentar, um nas célebres redondilhas “*Descalça vai pera a fonte*” e o outro no *Auto do Filodemo*. O primeiro continua as questões estilísticas, analisando um latinismo semântico daquele poema e propondo uma interpretação mais fidedigna do célebre verso “vai fermosa e não segura”. O cotejo com ocorrências do mesmo latinismo n'*Os Lusíadas* confirma esta interpretação que vê a expressão “não segura” como correspondente à coita de amor medieval “sob forma de um latinismo de roupagem clássica” (p. 184). O segundo clarifica a linguagem dialéctica de Camões no tratamento do tema do Amor e pesquisa as suas fontes. Fica claro que Camões conhecia a filosofia aristotélica ou directamente ou através dos seus comentadores. Sebastião Pinho torna evidente, pelo cotejo de excertos de um e de outro, a influência de Leão Hebreu, através dos seus *Diálogos de Amor*, no drama camoniano.

A leitura deste livro, com a novidade de cada ensaio, vem confirmar no leitor a convicção de que é imprescindível para a compreensão e leitura da obra camoniana a consideração das fontes da cultura clássica e que o seu confronto com elas nos franqueia o acesso a uma leitura muito mais profunda e rica da obra do grande poeta português.

CARLOTA MIRANDA URBANO

RODRIGUES, Nuno Simões, *Iudaei in Vrbe. Os Judeus em Roma de Pompeio aos Flávios*, Lisboa, FCG/FCT, 2007, 1036 pp., quadros e gráficos. ISBN: 978-972-31-1209-2

Tivemos oportunidade, nos últimos anos, de referir por várias vezes a importância das relações entre o judaísmo e a cultura clássica, independentemente das recorrentes situações de conflitualidade que as caracterizaram. Não é esta uma temática vulgar no panorama bibliográfico português, menos ainda com a dimensão e profundidade do estudo que aqui apresentamos, o qual comprova, da melhor forma, que as referidas relações merecem, por variadíssimas razões, a atenção dos investigadores, que mais não seja por antecederem o nascimento de duas grandes religiões mundiais.

Neste momento da história, quando os problemas do multiculturalismo se encontram na ordem do dia, aliás nem sempre bem equacionados, parece-me muito oportuna a publicação da volumosa tese de doutoramento de Nuno Simões Rodrigues, investigador cujos trabalhos anteriores sugeriam, naturalmente, um *opus magnum* no seguimento da mesma temática, como é esta laboriosa análise da presença dos Judeus na capital romana no período entre Pompeio e os Flávios. Não duvido que esta obra constitua, doravante, referência obrigatória para todos os que se interessam pelas relações culturais no seio do Império Romano, tanto como para os cultores da história social e política em geral. E, repito-o, representa simultaneamente um momento alto da investigação portuguesa sobre a Antiguidade e um estímulo para que, apesar dos cenários sombrios com que se deparam as Universidades e nestas, em particular, as Humanidades, a cultura científica portuguesa se afirme na grande investigação europeia, de onde tem andado arredia das grandes problemáticas da História da Antiguidade. Porquê?

As questões suscitadas pela integração do povo judaico num império universal constituem um ponto forte da historiografia romana, tanto como as relações entre dominados e dominadores constituíram um lugar comum, marcadamente ideológico, da literatura e do cinema nos séculos XIX e XX, o que não foi esquecido pelo autor (pp. 29-31). Não há aqui, naturalmente, novidade, pois as relações entre os Judeus e os outros foram sempre, ou quase sempre, analisadas a partir de ópticas diferentes, positivas ou negativas, consoante o lado da barricada.